



HAL
open science

[Resenha] "Alain GUERREAU, L'avenir d'un passé incertain. Quelle histoire du Moyen Âge au XXIe siècle ?, Paris, Seuil, 2001"

Eliana Magnani

► To cite this version:

Eliana Magnani. [Resenha] "Alain GUERREAU, L'avenir d'un passé incertain. Quelle histoire du Moyen Âge au XXIe siècle ?, Paris, Seuil, 2001". *Signum*, 2002, *Signum*, n° 4, p. 343-346. halshs-03232033

HAL Id: halshs-03232033

<https://shs.hal.science/halshs-03232033v1>

Submitted on 21 May 2021

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Alain GUERREAU, *L'avenir d'un passé incertain. Quelle histoire du Moyen Âge au XXI^e siècle ?*, Paris, Seuil, 2001, 348 p.

Resenha de Eliana Magnani publicada in *Signum*, 4, 2002, p. 343-346 (ISSN 2177-7363)

Os livros que meditam sobre a profissão dos historiadores medievalistas são raros, mais raros ainda são os que provocam reflexão. Neste manifesto sem concessões sobre o futuro da história da Idade Média, A. Guerreau faz uma crítica crua das práticas em vigor na disciplina na França (mas o livro contém importantes referências a outros países europeus, principalmente à Alemanha) e propõe uma mudança de enfoque que merece ser considerada com atenção. Qual é a função do medievalista? Explicar o funcionamento e as transformações da sociedade medieval como um todo. Para tanto é necessário dotar a história medieval, como toda ciência digna deste nome, dos instrumentos e métodos de pesquisa adequados.

A. Guerreau começa abordando as diferentes fases da "medievística" e ao mesmo tempo estabelece o balanço negativo da disciplina. O século XVIII é o momento de ruptura e do surgimento de uma nova sociedade na qual, com a noção de progresso, nasce também a História. Os conceitos criados então e que fazem parte hoje do nosso senso comum — economia, política, religião— são frutos desta nova sociedade e eles visam desqualificar o sistema social precedente. Assim quando aplicados à Idade Média, ao invés de explicá-la esses conceitos a tornam opaca, incompreensível. Eles significam "a destruição das duas noções indispensáveis à percepção da coerência do sistema medieval e, no mesmo movimento, a negação radical de qualquer evolução endógena deste sistema" (p. 25). As duas noções próprias à civilização medieval às quais o autor se refere e que foram levantadas por ele em seu livro anterior *Le Féodalisme un horizon théorique* (Paris, 1980) são *dominium* e *ecclesia*. *Dominium* é "uma relação social entre dominantes e dominados na qual os dominantes exercem simultaneamente um poder sobre os homens e um poder sobre as terras" (p. 26), enquanto que *ecclesia* se refere ao papel estrutural da Igreja católica que "englobava todos os aspectos da sociedade, exercendo um controle rigoroso de todas as normas da vida social" (p. 29).

No século XIX a história medieval se desenvolve sobre as bases do século precedente e por conseguinte a partir de noções decalcadas da sociedade contemporânea impróprias à compreensão do sistema medieval: propriedade, Estado, direito, instituições... Entre o final do século XIX e a primeira guerra mundial, o nascimento das ciências sociais — sociologia, etnologia, lingüística— institui uma divisão geral entre o estudo do funcionamento de uma

sociedade e o estudo de seu movimento. Embora a rejeição da diacronia seja hoje um dos fatores do marasmo das ciências sociais, elas souberam elaborar seus conceitos de base, ao contrário da história que se limitou a um tempo considerado do âmbito da pura narrativa. E apesar do interesse que manifestaram pelos grupos sociais ou pelo funcionamento da sociedade medieval, os historiadores do século XX não se dotaram dos meios heurísticos para compreendê-los integralmente. Em soma, o que A. Guerreau pleiteia é que devemos abandonar o método infrutífero "da tesoura e da cola" (encaixe das informações extraídas dos documentos em um discurso linear) e fazer um esforço de abstração para apreender e esclarecer os conceitos suscetíveis de explicar as estruturas da sociedade medieval. "O trabalho fundamental do historiador é forjar instrumentos conceituais e construir hipóteses que os utilize, num vai-e-vem constante entre a observação meticulosa dos objetos (as fontes) e a elaboração abstrata" (p. 248).

Nesta perspectiva o autor vê três áreas cuja exploração adequada significaria a renovação da história medieval: a arqueologia, a estatística e a semântica histórica. Contanto que sejam guiadas por questões históricas gerais e não por preocupações meramente técnicas e locais, as escavações arqueológicas e as análises dos objetos obrigam a repensar inteiramente certos aspectos da história medieval. Objetos e construções possuem um sentido na medida de sua utilização social e "este sentido, por definição, deriva das características de uma prática social específica consideradas em relação com as de outras práticas, o conjunto formando uma estrutura" (p. 143). Quanto à estatística, ela é em muitos casos o único meio de organizar dados a fim de desvendar uma estrutura. Sua utilização, que vai de par com o imenso desenvolvimento da tecnologia eletrônica, permite a extração da informação potencial para torná-la disponível. Trata-se de um procedimento de exploração da informação que exige de início a descoberta dos bons indicadores, o que significa imaginar uma relação abstrata (p. 177). Enfim o mais importante, a semântica histórica. A. Guerreau parte da constatação que os textos medievais foram lidos como se fossem traduzíveis diretamente nas línguas contemporâneas, sem ter-se considerado que as palavras utilizadas têm um significado próprio, diferente do que tinham no latim clássico ou do que têm atualmente. São as sociedades que produzem o significado, resultado da fusão de relações abstratas e de realidades materiais. "As palavras na medida em que são empregadas (sempre em um enunciado), são os elementos de base de um sistema de representações que é ao mesmo tempo um produto da realidade social e uma parte integrante dela" (p. 207). O estudo indispensável do vocabulário, cujas regras de análise ainda devem ser explicitadas, deve ser conduzido na

escala das noções de "espaço lexical" e de "campo semântico" (*Wortfeld* e *Sinnerbezirk*, Jost Trier), que permitem encontrar as relações que constituem uma estrutura.

Todos estes instrumentos, segundo o autor, só têm sentido se empregados para esclarecer a lógica de conjunto que rege a sociedade medieval, e todo medievalista deve ser capaz de pensar a civilização da Idade Média como um todo, donde o efeito pernicioso da "especialização" para a profissão, como também é pernicioso a ausência atual de crítica e de discussão séria dentro da disciplina. Estas e outras das observações de A. Guerreau vão sem dúvida irritar muitos medievalistas, pois elas falam de maneira brutal do estado de sonolência e de acomodação dentro da medievística. Embora eu considere pertinentes e importantes as questões levantadas e concorde em geral com as análises e os caminhos apontados, não acredito que o estilo agressivo do autor sirva à sua causa. O tom de exasperação pode até divertir os que já estão de acordo com as idéias defendidas, mas infelizmente ele tornará ainda mais surdos os que deveriam ser convencidos por elas.

Eliana Magnani

CNRS – UMR 5594 Auxerre/Dijon